

Título da obra: Loucura Solitária
Autor: Marleni da Silva Nascimento

1
Humberto
até 28/8

"Esta é a história de uma mulher que se julga louca, sua prisão é o passado, aqui ela revive as situações que estabeleceram sua demência através da memória, seu único vínculo com o mundo de fora."

1º ato:

Carolina em seu monólogo- Sou uma louca, assim me dizem. Faz tanto tempo que me esforço para acreditar nisso, que coisa tão enraizada não poderia / deixar de ser eu, ser minha..Nada me garante que eu não seja. Presa dentro desse mundo, nivelado com a mesma paciência com que tece a teia a aranha, eu já não tenho perguntas, porque cansei de fazê-las; as poucas respostas que obtive, encontram-se penduradas atrás da porta, num antigo cabide, onde todos os dias penduro os ruídos da memória. É essa memória abalada, o único elo que me mantém presa à vida, esse tenue cordão que me esmurra o peito. É dentro dele o meu carcere, de agonia...e solidão.

Carolina passa a relembrar:

pai- (em casa no telefone) Não me importa...não Algemiro, voce tem que fazer com que o cara assine. Sim..., ora o que vai valer não é a minha palavra final? Pois..sim está bem. Certo, certo, até logo.

Carolina- (chegando) Bom dia.

pai- Carolina..., venha cá.

Carolina- Sim.?

pai- Sim senhor.

Carolina- Sim senhor

pai- Carolina, já a dias estou querendo ter uma conversa contigo...

mãe- (em seus afazeres domésticos) Orfeu não vá começar, justo na hora do almoço, deixa para outra hora homem, vem para a mesa...

pai- (lançando terrível olhar à mãe) Continuando. Primeiro, já estou a / par de tuas gazetas às aulas; segundo, eu te proíbo de andar com aquela / tropa de maloqueiros; terceiro, de outra vez que chegares depois das dez horas, simplesmente não vais entrar em casa. O que que tu tá pensando Carolina, agora é todo o santo dia na rua?..

Carolina- É só isso que o senhor sabe dizer. Não faça isso Carolina, eu te proíbo Carolina, exige respeito mas não me respeita, voce é um raro exemplar do patriarcado secular e...

pai- Respeitar...mas, o que está pensando essa pirralha? Não sei onde é / que estou, que não te meto a mão na cara. Olha Carolina, tu me respeita co mo pai, ou te mostro com quem estás lidando, eu não sou a tua mãe que tu briga, bate o pé e fazes o que bem te dá na telha, haa bem, não me tire fo ra do sério.

Carolina- (cansada, o olhar perdido, se retira)

mãe- Não sei Orfeu, essa guria me preocupa..

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

pai- de quem é a culpa? Nisso é que dá ficar passando a mão por cima, eu que ro ensiná-las voce reclama, diz que sou ignorante. Depois, tá aí ó, uma bostinha e já se governa, faz o que quer, chega ao cúmulo de exigir respeito, mas então em que mundo é que estamos? Pudesse eu ficar em casa todo o dia... irias ver ver se isso se criava.

mãe- Não quero puxar muito por ela, é muito sensível, de noite chora muito, quase não come...

pai- Falta do que fazer, vives fazendo tudo pra essas gurias, belas coisas / sairão dali, eu já me cansei de falar, depois minha velha, não diga que eu não avisei.

mãe- (entre suspiros) Pobre Carolina, essa menina tem alguma coisa na cabeça anda sempre triste, aquele cabelo caído nos olhos, eu, tava até pensando.... Orfeu traga um vidro de fosfosol quando vieres do centro.

pai- Que Fosfosol que nada. Tem é falta de juízo, isso sim me diga. Bem deixa eu ir senão ninguém come nesta casa. Até logo, mulher.

mãe- Até logo meu bem. Não esquece o remédio tá?

(pai faz uma cara de enfado e se retira)

1º ato:

Carolina em seu monólogo- Na verdade sempre desconfiei um pouco da soberania de meu pai. Alguma coisa soava pálida entre aquilo tudo, ele parecia lutar / muito para provar o que demonstrava ser. Respeitá-lo era quase uma blasfemia para mim. Minha mãe era uma pobre folha destituída de personalidade ante o poder dele. Havia também minha irmã, desta porem quase não me lembro, eram incomuns os momentos de fraternidade naquela casa, mesmo antes de tudo acontecer.

Lizete- (a irmã, conversa na saída da escola com uma colega)

Colega- Não tenho visto muito Carolina, ultimamente.

Lizete- Carolina é muito ocupada, está sempre lendo...estudando.

Colega- Olhe Lizete, não sei se devo contar...

Lizete- O que?

Colega- É um tanto desagradável...mas, andam falando umas coisas...

Lizete- Ai meu Deus, para com isso, se quer contar fala logo.

Colega- Bem voce é que está me pedindo, depois não reclame, eu te conheço lizete, voce pede para eu contar, depois fica enchendo o saco.

Lizete- Voce não é minha amiga? Então fala logo, o que? andam falando?

Colega- sobre Carolina...escutei na casa de D.Nenê.

Lizete- Já estou me amolando com isso...

Colega- Bom. Laís e D. Nenê estavam conversando, aí D.Nenê falou muito séria dessa menina Carolina, juro que não é mais menina, e depois muito baixo: Enloqueceu.

Lizete- Cobras. O que mais?

Colega- Bom. Aí D. Nenê percebeu que eu estava ouvindo e mudou de assunto.

Lizete- Garanto que voce já contou a Deus e todo o mundo não? linguaruda do jeito que é..

Colega- Eu não disse, depois voce fica enchendo o saco. Eu não devia ter te

falado nada. A gente quer ajudar voce ainda implica.

Lizete- Conheço essas tuas ajudas. Ajudaria mais não falando nada.

Colega- Voce que pediu que eu contasse. E tem mais, todo mundo tá falando garanto que Carolina tá louca mesmo pois o que andam comentando...

Lizete- (indignada) o que andam comentando? o que? Que que tem contra Carolina?

Colega- (sarcástica) Logo saberás meu anjo. É só esperar. (retira-se)

Lizete- fica pensativa.

3º ato:

Carolina em seu monólogo- Eu não sabia bem o que estava buscando. O que / era justo, o que era certo, me chegavam em forma de sensações. Estava completamente voltada para dentro. Tudo o que importavam eram aquelas coisas que todos os dias explodiam dentro de mim. Eu percebia os movimentos a todo instante esbarrando na minha individualidade, nos meus limites. Meu território era invadido sem justificativas, tudo que era sem o meu consentimento gerava desconforto. A falta de carinho por parte da minha família a sordidez e inércia das pessoas me embrutecia, tudo fazia brotar aquela angústia que invariavelmente se atravessava em minha garganta. Com ela assim presa dentro de meus limites, eu afastava as pessoas, mesmo cuendo-as, depois me sentia irremediavelmente só, e sofria, trancada dentro / dessa solidão.

(cena em um bar: Sergio, Carolina, Nadia-Carolina estava apixonada pela última, Carolina se atrasa um pouco)

Sergio- Não aguento mais esses bares, sempre digo que não vou vir mais , mas acabo morrendo aqui.

Nadia- Eu tambem não tenho mais saco. O problema é que todo mundo vem para cá. Se voce quer ver um amigo, fatalmente acabará aqui.

Sergio- Pois é dessas pessoas tambem já estou farto, sabe?

(nisso chega Carolina, senta-se)

Carolina- Do que falam?

Sergio- Dos bares, e das pessoas que frequentam os bares...

Carolina- Que saco né? não ter mais nada para falar.

Sergio- Ainda é um assunto. Voce acha que essas conversas de bar são muito diferentes, ou que os que conversam acreditam muito no que falam? pois sim. O pessoal vem aqui para isso mesmo, jogar conversa fora.

Carolina- É e pensar que muitos deles leem livros de autores deveras bastante interessantes, para depois ter o que falar e nem assim acreditam / no que falam.

Sergio- O que falta pra essa gente é criatividade minha filha.

Carolina- O problema é que a gente se acomoda, tem medo de mudar as histórias, em fim abalar essa aparente calma, esse hábito entende?

Sergio- Eu também acho. É uma incoerencia essa rotina de bar, quando se tem tanta coisa mais importante para fazer e criar.

Nadia- Por exemplo? Ir na Lock.Glass?

Sergio- Pois é aí é que está. Eu não vejo diferença nenhuma entre ir na

Loock-Glass, e vir num desses bares.

Nádia- Aah não. Eu vejo muita diferença. Aqui pelo menos voce encontra gente de cabeça.

Sergio- Que cabeça? Cabeça todos tem meu anjo, tem que ver, quem é que usa eu acho, que tudo o que fazem os que vão às discoteques, fazem os que vêm aos bares, e tudo o que uns deixam de fazer os outros também. E não precisa pensar muito para chegar a essa conclusão, basta olhar como estão as coisas. Carolina- Certo. Ninguém usa a cabeça para nada, falar por falar todo mundo fala, ações que é bom? nada.

Sergio- É o próprio inconsciente coletivo, de que eles mesmos tanto falam.

Nádia- Mas não os amigos da gente.

Sergio- Hiii. não?...é talvez não, só que alguns usam uma viseira, assim fica mais fácil e digna a mentira não?...

Carolina- Todos uns alienados, e pensam que estão mudando muita coisa...

Sergio- Ninguém se ocupa, ninguém cria, se aprofunda, tudo é raso, sem profundidade, sabe? parecem mais uns debilóides.

Nádia- Só uma perguntinha...porque é então que voces vêm aqui?

Carolina- Boa pergunta, justa resposta, Vou.

Nádia- Carolina, para com isso, fica aí the.

Carolina- Tem que ter coragem minha, é isso que está faltando a muita gente que nem é tão ruim.

Sergio- é... também vou nessa, tchau Nádia.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

4º ato:

Carolina em seu monólogo- Eu era tão insegura, e as vezes surpreendia a mim mesma com determinadas atitudes. Como é capaz a cabeça da gente dessas coisas? não sei, é apenas. Mas como é que se fica louca? Serão apenas as pessoas as responsáveis? Quando é que se descobre que está louca? Como, pois que se os mundos são paralelos, não deveriam nunca se encontrar. Como é que se trançam as linhas da existência? Onde, quando é que se rompe esse fio mágico da razão?

pai- (nervosíssimo, estupefato, arrancando os cabelos) Eu digo, que não é possível. Tudo um pai pode aguentar. Filha mal educada, sem respeito, que roda nos exames, que se tranca no quarto no dia do aniversário do pai, não respeita a autoridade do pai, esquece de cumprimentar o pai, que tem vergonha do pai que tem. Tudo, tudo eu admito, mas senvergonhice não. Nunca na família houve desonra maior. Uma anormal, lésbica., machorra, a minha filha. mãe- (em prantos) Meu Deus, porque? por que?

pai- Ora não meta Deus nessa sujeira. Tá na cara, mimos, dengues demais, / uma cadelinha, mas quando falo, eu sou quadrado, careta, patriarca, isso / aquilo, agora tá aí, pode chorar a vontade, é tudo que soube fazer até hoje. Nisso chega Carolina.

O pai ali mesmo tenta agredi-la, a mãe tenta evitar, ambas levam uns tapas.

pai- Cadela, como Carolina, como teve coragem, com seu próprio pai..

Carolina- Posso sabe o que acontece aqui? Doque sou acusada..? Posso ao menos saber?

mãe- Minha filhinha, diga que é mentira...(chorando sempre)

pai- Ora mulher, deixa de ser boba, uma vez na vida abre esses olhos, as provas estão aí, em baixo de seus olhos, porque negá-las? Todos já sabem, garanto que nem ela conseguirá mentir, vamos fale?...

Carolina- Mas oque está contecendo?..

pai- (Mostra-lhe uma carta de Rádía) Reconhece isso Carolina?

Carolina- Primeiro, reconheço, segundo não entendo porque tanta agressividade, terceiro, quem andou mexendo nas minhas coisas, mama...

pai- A cachorra, ainda vem bancar a importante, sua lésbica, eu devia jogá-la no olho da rua, onde devem ficar os cachorros.

mãe- Calma homem, calma, saia daqui Carolina, vá para o seu quarto...

Carolina- Não sairei, afinal tenho direitos de exercer a minha liberdade, de falar como qualquer pessoa comum, não vou me defender como deseja meu querido pai, porque não cometi nenhum crime. Porque não me é dado gostar? Acaso / serei eu menos humana que qualquer um de vocês?

pai- E chama a isso de gostar? outra mulher, voce enloqueceu Carolina, definitivamente voce enloqueceu.

Carolina- é muito fácil, agora dizem que eu estou louca, e porque? porque / tenho um coração? porque deixo que entre nele sentimentos? porque não me importo que se abale, se descompasse sonhe? porque não escolho pessoas para o meu gostar? mas como é que se escolhem as pessoas para amar? que lei é esta?

pai- Carolina, voce está fraca da cabeça, não é possível, reconsidere, se voce reconsiderar, podemos arranjar uma boa clínica, esquecerei essa humilhação toda e...

Carolina- que? Mas nem pensar. Lu estou muito bem, e não vai ser uma clínica que vai me ensinar a comandar a minha vida. Para mim as pessoas são pessoas, sem diferenças e o senhor pode ou não acreditar nisso, mas não mudarei o meu comportamento, mas. isso é que não, mas não mesmooo.

pai- Todos os livros e médicos sabem muito bem que isso é uma disfunção organica, voce precisa é de hormônios....

mãe- E a bíblia minha filha, a igreja excomunga essas relações. Voce está / praticando um grande pecado Carolina, volte atrás, peça perdão minha fil...

pai- Que bíblia mulher, que igreja, ela precisa é de médico, hormônios..

Carolina- Ai. Chega, não vou reduzir a bosta a minha vida em nome de padrões nos quais não acredito, não vou me despir do que espontâneamente me brota, isso nunca. Eu vou amar quem o meu coração escolher.

Carolina se retira deixando a mãe a chorar e o pai arrasado.

pai- enloqueceu...

mãe- pobre de nos meu velho, deus nos abandona, bem tava escrito que no fim, seria isso, bem estava escrito...

5º ato:

Carolina em seu monólogo: Desacreditar completamente no ser humano, alguém, por quem a gente esquece até de ser feliz. É como se de repente nos fosse retirado de sob os pés o solo em que fixamos nossas raízes. E depois como voltar a confiança?

(Muni conversa com Nádia)

Muni- Tenho andado muito ocupada nesses últimos tempos.

Nádia- as músicas? não deve ser fácil né?

Muni- Pra gente que gosta não é difícil, mas tem que trabalhar muito cada música, até que quase fique perfeita. E voce, Carolina? nunca mais vi voces...

Nádia- Carolina está horrível, depois que brigou em casa está impossível, as vezes penso que Carolina sente muito medo aqui, e que tem vontade de voltar para a barriga da mãe.

Muni- sorri, acho ela grande cabeça...

Nádia- Eu tô cansada, não aguento mais carregar Carolina, não dá mais, sabe chego a pensar as vezes que ela vai ficar louca com seu ciume, aquela mania/ de afastar as pessoas, ai. sabe.. eu tô exausta com Carolina

Muni- Bah, chega de pensar nisso, olha aqui acabei a pouco...

Muni toca música Brinquedo de Louça, que participará do espetáculo-

Nádia- Que linda. E essa frase " perturbadas pelo doce da bebida", me lembra, que Carolina...quando bebe, demonstra uma coisa, sabe? é carinhosa, é assim/ que ela tem coragem, nos outros momentos se afasta.

Muni- Não tá mais gostando dela...

Nádia- Como voce diz, o obrigatório afastamento, forçando o retorno da consciencia, talvez seja necessário que eu me separe de todo de Carolina, pois / me considero afastada, o que existe não é um relacionamento, Carolina entra em pânico com a não aceitação das pessoas.

Muni- Mas se rompeu em casa...

Nádia- É diferente, lá já estava tudo rompido mesmo, e não sei até que ponto Carolina é honesta com isso.

Muni- É coisa para pensar muito.

Nádia- Carolina tá precisando crescer, novas experiências de vida, sofrer, ainda é o melhor jeito de crescer.

Muni- Mas fala com ela direitinho.

Nádia- Se ela me deixar falar-lhe, Carolina é tão estranha, abandona as pessoas tentando chamar sua atenção, mas ao mesmo tempo quer que estejamos sempre com ela, quase como sua propriedade.

Muni- Essas cobranças..mas quem não cobra?

Nádia-e quem não cobra?mas quem tem paciencia de ser sempre cobrado?

Chega Carolina, Muni disfarça e se afasta.

Carolina- Oi meu anjo tudo bem,(beija-a)

Nádia- Tudo bem voceestá mais calma?

Carolina-Desculpe a cena de ontem. Voce tem o direito de sair com quem voce quiser, é que as vezes é difícil aceitar esse não ter nenhum direito sobre / quem a gente gosta.

Nádia- Carolina vou lhe dizer umas coisas.

Carolina- humm,?

Nádia-Eu não sei bem como voce vai receber isso, mas...

Carolina- (agitada) Mas,...

Nádia- Não dá mais Carolina, gosto muito de voce, mas não dá voce me corta.. não há mais aquela intensidade...

Carolina- Sei...

Nádia- Eu sei que voce está passando por uma barra, o afastamento de sua família, compreendo o que possa significar, em fim...

Carolina- Está me dando adeus,?

Nádia- Não existe essa coisa de adeus, a gente continua amigas, só...

Carolina- Só que não vai existir nada que não seja um leve fingimento de haver esquecido. Um fazer de conta que é uma situação normal.

Nádia- É uma situação normal Carolina, não faça dramas por favor..

Carolina- Quem pensou em dramas?

Carolina tem uma vertigem.

Nádia- (acudindo) voce está bem Carolina?

Carolina- Sim, muito bem, agora se me deixasse sózinha...

Nádia- Carol...

Carolina- (o olhar perdido) por favor...

Nádia- (demonstrando cansaço) está bem. Tchau Carolina.

Carolina- Tchau.

(fica um pouco parada, depois passa a soluçar) como é fácil morrer.., não, morrer não, enlouquecer é mais fácil, muito, muito, muito mais fácil, (vai parando o soluço, fica um instante parada, o olhar distante)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

6º ato:

Carolina em seu monólogo- Por mais estranho que possa parecer, a mente se conserva muito mais pura quando fora da realidade. Porque nunca me vem pensamentos maldosos a respeito dos que me abandonaram. O meu terror pelos homens, creio, deve ter sido resquícios do olhar duro de meu pai, dedo em riste no meu rosto: não carolina, não é não, como é que se atravessa esses abismos sem arranhar a alma? Eu coloco grades em minhas janelas, para que não tenha vontade de matar-me. Essa loucura a qual me atam, é talvez o único motivo para que esteja viva. Sem ela ecoariam muito mais esses gritos de solicção, e me pergunto sobre as pessoas, e tenho saudades delas, embora o meu medo não me permita que tenha ilusões. Sou só. Existem os que passam / sob minha janela, mas não se demoram mais que o tempo necessário para perguntarem-se sobre a louca que habita aquele espaço, essa masmorra de infelicidade.

A partir de agora, Carolina está louca, as vidas transcorrem sem ela, e os diálogos serão entremeados de seu monólogo de louca.

(em casa)

Lizete- (grávida) Como e onde andará Carolina, onde será que mora?

pai- quem viu o bebê saudável que foi, não diria que ia dar no que deu.

mãe- (enxugando uma lágrima) Pobre Carolina, meu coração de mãe não se enganou, eu bem o sabia.

pai- Não foi culpa nossa, quando quisemos ajudá-la o que é que fez, abandonou-nos, estava de cabeça virada, por outra mulher (diz com extremo pesar)

Lizete- Pobre Carolina, não dizia coisa com coisa quando foi encontrada aquele dia.

pai- Faz tanto tempo, mas parece ter sido ontem..

mãe- Depois da fuga do hospital...a minha filhinha..

Lizete- O médico garantia que era só uma crise, que ficaria curada.

pai- Poderia ter se reintegrado na sociedade.

Carolina- Ai minha memória, como escorrem esses ruídos, como me dilacerem. Sei que meu pai jamais me perdoará o fato de eu ter fugido daquele hospital e nem o não ter voltado à sua tão preciosa sociedade de teias de aranha.

pai- fez tudo para que nunca tivéssemos paz.

mãe- Também não é assim Orfeu, tanto não. Carolina era bem inteligente, o que acontece é que todos já vem com seu destino traçado.

pai- Mas me diga se ela alguma vez teve com voce uma conversa normal? hein?

mãe- Nós também tivemos nossa parcela de culpa, nunca tentamos entendê-la.

pai- Ah. e voce achava possível? viu como reagiu ao nosso desejo de ajudá-la?

Lizete- Carolina estava completamente insana.

pai- É isso, nunca foi certa da cabeça, com aquele seu olhar além do mundo a gente devia ter notado desde o início, talvez assim...tivesse evitado tamanho vexame. O bairro, os amigos, todos falando, nossa filha louca, por causa de outra mulher.

Carolina- As pessoas costumam pensar que se enloquece devido a um motivo. Pode ser. Comigo porem, vários fatores foram imparciais. A pressão de fora, os dramas interiores, a falta de compreensão, tudo teve fundamental valor.

pai- Me sinto responsável, claro, o pai é como se fosse o dono da vida dos filhos, acaso estaria ela no mundo não fosse por mim?

mãe- A mãe também né Orfeu? Queria ver voce sózinho fazer tudo.

pai- A mãe tambem, mas o pai é o responsável mais forte, a autoridade de um pai é de fundamental importância na educação dos filhos, a prova é que se algo sai errado, o culpado é sempre o pai.

Lizete- Para mim os dois são importantes.

pai- sim, mas o pai tem mais responsabilidades, quem é que sustenta a família?

No que acaba esta cena já se dispõe a seguinte:

(Sérgio e Nádia Conversam)

Sérgio- Carolina era super inteligente, sensível, não entendo como pode ter acontecido isto.

Nádia- Carolina é um espinho na garganta, como me faz mal saber que está lá e não poder fazer nada para arrancá-lo.

Sérgio- Acho que voce se sente um pouco culpada.

Nádia- Eu me sinto tão culpada como qualquer outra pessoa. Carolina já tinha em si. uma suficiente quantidade de problemas para tentar essa fuga, eu posso ter sido a gota d'agua, não mais que isso.

Sérgio- Acho que o relacionamento de voces foi uma coisa muito forte para ela. Deve ter sido tri difícil transar a perda, aliás, toda perda é difícil de transar.

Nádia- Sobretudo quando é alguém como Carolina, que fazia de mim o seu ponto de apoio.

Sergio- Mas todos sabiam que ela estava apaixonada, isso voce não pode negar.

Nádia- Voce não entendeu.

Sergio- Carolina pode ter se apoiado, mas...

Nádia- Voce não entendeu. Carolina sempre foi muito carente, isso tava na cara, não viu quem não quiz. Queria ser minha propriedade, muitas pessoas usam esse método para depois ter o direito de fazer o mesmo com a pessoa com quem estão se relacionando.

Sergio- Voce enxergou esta situação?..

Nádia- Sim., tanto que não a suportei mais. Eu não quero ter obrigação com a vida de ninguém, era isso que ela queria, que eu tivesse obrigações com a sua vida.

Sergio- Carolina sempre foi contra essas relações. O que dá a impressão é que voce não estava muito apaixonada.

Nádia- Eu não tenho que provar nada para ninguém. Amei Carolina, um dia deixei de amar, isso é humano, não? ao menos me parece.

Sergio-Não estou dizendo...

Nádia- Tudo bem. As vezes tambem me culpo, depois analisando eu vejo que não. Apenas fui honesta, eu prefiro tudo a ter enganado Carolina, isso eu não me admitiria.

Sergio- Voce diz que Carolina queria ser sua, e acaso isso não existe?

Nádia- Existe mas eu não quero ser dona de nenhuma pessoa, isso é absurdo, ninguém aguenta uma situação dessas por muito tempo.

Sergio- Voce a conheceu muito bem...

Nádia- Em detalhes que nem ela soube que eu sabia.

Sergio- Porque?

Nádia- Porque eu prestei-lhe a atenção que dedicam os que amam só por isso.

Ultimo ato.

Carolina- (pensando) - O papel decisivo em tudo que desencadeou a minha loucura, não foi a decorrente podaçoão do ato em si por meu pai, mas a perda de Nádia e a confiança que lhe detive, Nádia foi para mim a elevação máxima da alma, por ela tudo tinha sentido; o choque entre eu e minha família, a perda do carinho que bem ou mal recebia dela, tudo. Desta experiência dependiam / uma série de conceitos e descobertas a respeito de vida e criaturas. Eu não podia saber que aquela situação na qual depositava todos os meus sonhos e realidade era tão verde e insegura. A loucura é porta sim, uma porta para dentro quanto mais se olha por ela, mais fundo em nós vamos nos embrenhando, / Desde que me ensinaram esta porta que acostumei-me a espiar por ela, correr para dentro foi o que mais seguro me pareceu naquele momento de perda. Meu pai foi o que talvez mais perdeu no meio de tudo isso, despreparado para a situação que se formou, a família estruturada para manter certa ordem sucumbiu, e conseqüentemente foi-se por água a baixo a autoridade de meu pai.

pai- Ai. ai. ai. ai. já não suporto mais esta dor nas costas.

mãe- Reumatismo meu velho, os sintomas não enganam, estás ficando velho.

Lizete- (Com imensa barriga) Eu também, esta noite não consegui quase nem pregar o olho, me dói o corpo todo isso é que é pior.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 838
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

pai- Ora essa, com o que estás comparando a tua dor com a minha?

mãe- Ora, ora, e porque não? Acaso não está padecendo a pobrezinha?

pai- Gravidez,...e desde quando isso é doença?

mãe- Queria que isso acontecesse a vóces homens, ahh, como queria ver...

pai- Antigamente, quando uma rapariga ficava barriguda, sem casar, era de se ver se ia ficar churmingando na frente do pai ainda por cima, que nada se escondia, nem falar falava, naquele tempo se tinha vergonha.

Lizete- (Baixa a cabeça envergonhada) Pelo menos mãe ele vai ter, e as vezes de ter certos pais é melhor não ter.

Mãe- Credo Orfeu, seu próprio neto, como pode falar assim?..

Pai- ah. Mais eu não posso falar mais nada nesta casa, a prova é que está na bagunça que tá, e voce ainda fica contra mim.

Lizete- (Choramanga alisando a barriga) Quando a gente precisa. fica todo mundo contra, justo quando a gente mais precisa...

pai- Tá bem.. desculpe..

Lizete- Vive me jogando na cara, como se fosse um crime ser mãe solteira, como se isso só tivesse acontecido comigo e...

pai- Já pedi desculpas.

Lizete- è sempre a mesma coisa, o senhor pede desculpas mas é só na hora depois volta à carga...

mãe- E isto que a pobrezinha nem pode se incomodar.

pai- É o tempo dos cachorros mijarem na gente, fosse no meu tempo, ah., como eu queria ver...

mãe- O que é Orfeu?

pai- (suspira) nada mulher, não é nada...(novo suspiro)

Carolina- A perda das pessoas, acredito tolheu bastante as chances de voltar à normalidade. Claro que me pergunto, me cobro um recomeçar. Mas recomeçar uma vida que já foi uma coisa muito séria e que agora é apenas um jogo louco de sobrevivência é bastante perigoso para quem ainda não provou se é ou não uma louca.

(Lizete acabou de dar a luz, o pai vai ve-la)

pai- O que que é? Deixa o vovo ver... deixa...

mãe- Ai. É uma menina Orfeu, bem como a gente queria (enxuga lágrima)

pai- Uma menina? (meio decepcionado) mas será que não nasce macho nesta / família?

mãe- Orfeu não fale assim, olhe como é bonita...

Pai- (Emocionado) É mesmo, este rostinho até me lembra...

mãe- Diga a ele Elizete, voce escolheu o nome, diga a ele.

Lizete- Vai ser Carolina. Já está em tempo de termos uma nova Carolina aqui.

pai- Não. Não pode ser, não fariam uma coisa dessas comigo, não, não e não.

mãe- Orfeu. O que é isso homem?

Lizete- Papai, papai o que houve?

pai- (arrasado, mas não dramaticamente) tudo de novo...

As duas mulheres o olham com olhar de interrogação. Depois olham-se entre si, por último voltam-se para a criança.

Carolina- Assim é que se formou essa redoma em que me guardo.

Para mim não existem futuros, não existirão posteridades. Sou uma louca, nada mais que uma parva louca, habitando o 12º andar de um edifício qual quer. Sou anônima, sem amigos, sem animais de estimação. Minha solidão / ecoa nos corredores úmidos. Lá fora não existe nada em que possa depositar os olhos. O lá fora deixou de existir faz muito tempo que me esqueci dos cheiros e da diferença entre eles. Não sou completamente infeliz, am parada em minha loucura não espero que minha dor faça dó. Sou o que cha mam de muda. E se não fosse essa fantasmagórica memória, talvez pudesse, deixar escorrer livre o pranto.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025